

PARA REYANN E ISAH,

يتاي ح رون

لك قرطال يدؤت كيلا، ىتح كلت يتلا اهتذخأ كاسنال.
— شىورد دومحم

Todos os caminhos conduzem a ti, mesmo aqueles que segui para te esquecer.

MAHMOUD DARWISH

PRÓLOGO

O DIÁRIO DE YARA

Não sei por que estou a escrever isto. O William disse que me ajudaria a exprimir-me para ti, a conciliar o passado com o presente. Preciso de voltar lá atrás, preciso de encontrar uma forma de chegar até ti, mas não sei como.

Nunca fui boa com palavras. Há coisas que a linguagem não consegue comunicar.

Em vez disso, pinto imagens na minha mente. Construo uma casa branca com um jardim colorido e um lago tranquilo coberto por nenúfares verde-esmeralda e, depois, coloco-me lá dentro. Os quartos são luminosos e arejados, com grandes janelas, através das quais observo o mundo. Lá fora, os pássaros chilreiam e as flores desabrocham e tudo parece calmo sob o céu vasto e sem nuvens. Fecho os olhos e pinto mais imagens, uma pincelada de cada vez, de girassóis e pores do sol e quartos cheios de livros, para não ter de estar sozinha.

Estou a tentar seguir o conselho do William: fechar os olhos e acalmar as vozes na minha cabeça. Mas quando começo a escrever as memórias, a tentar organizá-las em frases claras, as palavras não se ligam. Quando olho para trás, à tua procura, a minha mente fica em branco. Não consigo descrevê-lo, este sentimento ao qual não consigo dar nome, esta ferida que não consigo ver. No entanto, sinto-o, como se todos os ossos do meu corpo estivessem em chamas.

O William diz que escrever pode transformar o indizível numa história.

Só que eu não quero contar uma história, quero libertar-me.

O DIÁRIO DE YARA

Desde que te lembras, a tua mãe, a minha tita, ensinou-te a caminhar com cuidado pela vida. A tita dizia, em árabe: «A má sorte espreita em todo o lado.»

Enquanto crescias, evitavas passar por baixo de escadas ou partir espelhos. Se entorlasses alguma coisa, atiravas uma pitada de sal por cima do ombro esquerdo para te protegeres. Sabias que coçar a palma da mão significava que ias perder dinheiro e que, se olhasses um gato preto nos olhos, um jinn ia possuir-te.

A superstição favorita da tita era o tabseer: ler os resíduos do café turco no fundo de uma chávena. Ao longo dos anos, observaste-a a fazê-lo para a família, vizinhos e amigos, todos ansiosos por conhecerem a sua sorte. A tita sentava-se com eles à mesa no terraço do telhado, com as mãos em volta de uma chávena de chá com intrincadas pinturas de flores. Era pequena, com apenas uns cinco centímetros de altura e ainda menos de diâmetro. Ela espreitava lá para dentro, inspirava pelo nariz e acenava com a cabeça. Quando erguia finalmente os olhos, havia um nítido ar de sabedoria nela, um brilho nos seus olhos.

Passavas a maior parte do tempo no terraço do telhado com a tita, a plantar e a limpar legumes, a cozer pão, a estender a roupa, a cantar e a dedilhar o teu oud. O teu quarto era pequeno e apertado e, lá em cima, na espaciosidade do terraço, ao ar livre, sentias-te viva, livre.

Uma manhã, enquanto preparava a bebida, a tita disse-te:

— Tinha a tua idade, quando a minha própria mãe me ensinou a ler os resíduos no fundo de uma chávena.

O aroma dos grãos recém-móidos pairava no ar. Vocês sentaram-se lado a lado no telhado da vossa casa de cimento, num campo de refugiados superlotado na Cisjordânia ocupada, enquanto a tita iniciava a prática que estava na família há gerações.

— *O café turco é, acima de tudo, uma tradição, um ritual — começou ela. — Uma arte.*

De pernas cruzadas no chão de betão, observaste-a a deitar duas colheres de café finamente moído num ibrik de cobre de fundo largo e, em seguida, enchê-lo até meio com água. Segurou-o sobre uma chama para obter o melhor sabor, mexendo até a mistura atingir o ponto de ebulição. Assim que a infusão começou a espumar, deitou um jato de kahwa em duas chávenas de porcelana com pires e, depois, dispô-las numa bandeja a condizer. Achaste que o serviço de café parecia uma obra de arte, com os padrões intrincados martelados no cobre brilhante por artesãos locais, as tulipas pintadas à mão e as hamsas azuis e brancas, destinadas a afastar o mal.

Com os olhos fixos na tita, provaste o líquido fumegante e perfumado. Sabia exatamente como imaginavas que o kahwa saberia: forte e doce, com um travo escuro e amargo.

— *Tens de beber devagar, Meriem — explicou, franzindo os lábios em redor da borda de porcelana. — Depois do último gole, fazes um desejo.*

Seguiste o seu exemplo, bebendo pela lateral para que os sedimentos ficassem soltos, até a tua chávena ficar vazia.

Quando a tita terminou a sua própria chávena, tapou-a com um pires e virou-a de cabeça para baixo. Enquanto esperavas que os grãos de café secassem, cantaste e dedilhaste o teu oud, com os teus dedos a puxarem as cordas deste instrumento antigo, enquanto a tua mãe acompanhava num murmúrio. Por fim, ela virou a chávena para a posição normal, e ambas espreitaram lá para dentro, estudando as riscas escuras e granuladas como se estivessem a ler um mapa do tesouro.

— *Tens de ter cuidado — disse a tita, com voz séria. — Dá azar leres a tua própria chávena, a menos que seja para praticares.*

Ao longo dos anos, tu e a tita passaram muitas tardes juntas no terraço dessa maneira, debruçadas sobre uma chávena vazia, a interpretar os redemoinhos, as riscas e os símbolos. Com o tempo, aprendeste a ler os resíduos sozinha. Traços longos significavam que o desejo se realizaria, enquanto traços curtos significavam fracasso. Os símbolos perto da borda previam o futuro, enquanto os símbolos no fundo diziam respeito ao passado. Um anel significava casamento. Flores significavam felicidade. Pedacos de borras no pires significavam que os problemas estavam a afastar-se de ti.

Foi só na noite do teu casamento que a tita concordou em ler a tua chávena pela primeira vez.

Mais uma vez no terraço, a tita dispôs o serviço de café da mesma maneira: o ibrik no centro da bandeja, as chávenas gastas de ambos os lados. Bebeste o teu kawha devagar, com os dedos a tremer, reparando numa racha fina num dos lados da chávena. Após o último gole, agitaste os sedimentos nas paredes e, em seguida, viraste a chávena de cabeça para baixo no pires. A tita pousou a tua aliança de casamento em cima da chávena, com as suas mãos a atrapalharem-se com o tecido do seu thob.

Observaste-a com grande expectativa, perguntando-te como irias aguentar os dez minutos que os resíduos demorariam a secar. A tua mente vagueou para uma vida além deste campo, onde passarias os teus dias a fazer algo que amavas, como cantar, num sítio onde os vizinhos não estivessem a observar cada um dos teus movimentos, à espera que engravidasses, cortando legumes e coscuvilhando, julgando cada decisão que tomasses. Um lugar onde te sentisses mais livre.

— Já deve estar seco — disse a tita, virando finalmente a chávena.

Pestanejaste para afastar os sonhos e inspiraste profundamente. É agora, pensaste. Um novo começo.

Mas quando a tita olhou para a tua chávena, soubeste instantaneamente que algo estava errado. Ela inclinou-a, franziu o sobrolho e depois aproximou a chávena do rosto, invulgarmente silenciosa. Raramente precisava de mais do que alguns segundos para interpretar os símbolos, e a sua aparente relutância enchia-te agora de pavor.

— O que vês? — perguntaste. — Vou ser cantora na América? Vou ser feliz?

As mãos da tita tremiam e, durante vários segundos, ela ficou a olhar para o colo, com o rosto contorcido e angustiado, antes de recompor a expressão e voltar a olhar para ti.

— Vejo muitos ninhos — disse ela, por fim.

— Gravidez?

— Sim — respondeu a tita. — Muitas crianças. Serás uma mãe maravilhosa.

— Mãe. — Pronuncias a palavra lentamente, como uma melodia triste. Apesar de não queres filhos, apesar de ansiar por ser livre, deve ter sido inconcebível para ti imaginar uma vida como mulher que não incluísse a maternidade.

— Ótimo — dizes, franzindo o sobrolho. — Como a maioria das mulheres que conhecemos. E que mais?

A tita engoliu em seco, com os olhos fixos na chávena. Remexeu-se na cadeira, inclinando a chávena para o lado com os dedos trémulos.

— Há montanhas — disse, por fim. — Cinco, talvez seis.

— O que é que isso significa?

A tita pestanejou, com uma expressão severa. Ela sabia que tu sabias o que isso significava, mas acedeu.

— As montanhas simbolizam dificuldades, obstáculos. — Abanou a cabeça, suavizando as feições. — Mas podem significar apenas que vais ter dificuldade em adaptar-te à América.

— Mas, e se for um aviso de que me vai acontecer alguma coisa má?

— Não, não — disse a tita, evitando o teu olhar. — Toda a gente passa por dificuldades nesta vida, Meriem. Especialmente as mulheres.

Olhaste para ela, nada convencida:

— Vês mais alguma coisa?

A tita abriu a boca e depois fechou-a. Abanou a cabeça, mas as lágrimas brotaram-lhe dos olhos.

— Não tens de ir, ya binti. Podes ficar aqui comigo, em casa, no teu país.

— Quem me dera poder, yumma — respondeste. — Mas a Palestina já não é nossa, e não há nada para mim aqui.

Ali sentada, torcendo as mãos no colo, com o corpo a afundar-se no chão, sentiste uma velha escuridão crescer e espalhar-se por ti, como se a tua alma estivesse a sufocar em alcatrão. Como podias dizer à tita — não podias — que o medo de a deixar e recomeçar não se comparava ao terror angustiante e nauseante de ficar para trás? Olhaste para ela, lutando para manter a voz firme.

— Por favor, não te preocupes comigo na América. Venho visitar-te sempre que puder e, da próxima vez que me vires, serei famosa!

A tita tentou sorrir, mas soltou um som que parecia uma risada sufocada. Depois, as lágrimas escorreram-lhe pelo rosto, e ela começou a chorar sem conseguir parar. Pousou a chávena e enterrou o rosto nas mãos. Durante algum tempo, observaste-a, com as mãos apertadas contra a garganta. E, embora não tivesses dito nada, pressionaste os dedos com tanta força contra o pescoço, que, no voo para a América, o teu novo marido iria notar uma marca azul impressa na tua pele.

Por fim, a tita recuperou o fôlego e enxugou o rosto. Observou-te por um momento, e levou a mão ao pescoço para abrir o fecho do seu fio. Era feito de ouro de vinte e quatro quilates, e dele pendia um amuleto hamsa de olho azul que a própria mãe lhe tinha dado na noite de núpcias.

A tita afastou-te o cabelo para o lado e beijou-te a testa. Depois, puxou-te para si, com o teu rosto pressionado com força contra o seu peito, soltando-te depois.

Lentamente, colocou o colar à volta do teu pescoço, quase sussurrando:

— Leva isto, ya binti. Vai proteger-te sempre.

1



Yara estava a escorrer o arroz *basmati* no lava-louças da cozinha, quando a campainha tocou. Apressadamente, transferiu o arroz para uma panela, acrescentando alho, pimenta da Jamaica, açafrão e um pau de canela, e desejando ter uma malagueta à mão. Lançando um rápido olhar para o temporizador do forno, franziu o sobrolho. Agarrou a pega da panela com mais força, e ouviu a voz do marido no corredor.

— *Ahlan wa sahlan* — disse Fadi. — Entrem.

Enquanto deitava água morna na panela, Yara ouviu Fadi beijar os pais em ambas as faces, depois o restolhar de sapatos a serem tirados junto à porta da frente e, por fim, os passos das suas duas filhas a descenderem as escadas como um rufar de tambor.

— *Sitti! Seedo!* — gritaram elas.

Em qualquer outra noite, ela teria espreitado da cozinha para ver Mira e Jude descenderem a escada circular para cumprimentarem o pai à porta, quando ele regressava do trabalho. Fadi pousaria uma caixa no *hall* de entrada, limpando as palmas das mãos nas calças, antes de as filhas lhe agarrarem as pernas. Mas aos domingos, Fadi não trabalhava e, na maioria das vezes, os pais dele vinham jantar. Yara passava sempre o dia a andar de um lado para o outro pela casa a preparar tudo para a chegada deles, esfregando as casas de banho e tirando grãos de sujidade do soalho de madeira, antes de se acalmar entre as paredes da

sua despensa de especiarias, rodeada de azeite, *za'atar*, noz-moscada e coentros, cujo aroma a transportava de volta à cozinha da avó na Palestina.

Pousou a panela de arroz no fogão e acendeu o bico. Erguendo os olhos, viu Fadi a ocupar toda a ombreira da porta com a sua estatura alta e corpulenta.

— Superaste-te — disse ele. — Cheira tudo deliciosamente.

Yara limpou a testa com a barra do avental. No *hall* de entrada, ouvia as filhas a conduzirem o avô para o andar de cima para brincar com elas.

— Obrigada — agradeceu, sem encontrar os olhos do marido.

Assim que pegou numa garrafa alta de azeite da despensa, Yara sentiu outra presença na cozinha. Quando ergueu os olhos, a sogra estava ao lado de Fadi.

— *Marhaba* — cumprimentou-a Nadia.

— *Ahlan khalto* — respondeu Yara, forçando um sorriso. Agarrou na ponta do avental, respirando lentamente.

— Tenta não parecer demasiado entusiasmada — disse Nadia, em árabe, enquanto tirava o *hijab*, dobrando-o cuidadosamente e pousando-o na bancada. O seu cabelo curto estava tingido com hena num tom rico de vermelho-vinho, mas tons de cinzento apareciam nas têmporas.

Fadi tossiu, com o rosto a corar.

— Vou ver como estão as meninas.

Yara sentiu o coração acelerar, quando ele saiu da cozinha. Desapertou a tampa da garrafa de azeite e deitou um fio sobre o arroz.

— *Shu?* Ainda estás a cozinhar? — perguntou Nadia, dirigindo-se ao fogão. Era uma mulher rechonchuda, com faces redondas e olhos pequenos e expectantes.

— Estou quase a terminar — respondeu Yara, com as mãos a tremer. Colocou uma tampa de vidro sobre o arroz, ajustando-a para que o vapor não escapasse.

— Vamos ver o que temos aqui — disse Nadia. Dirigiu-se à mesa de jantar, observando os alimentos básicos palestinianos que Yara tinha espalhado sobre a *sufra*: azeitonas e azeite, húmus, pão pita, tomate

cortado, *pickles*, limões e as folhas de hortelã e salsa picadas que tinha colhido dos vasos na janela.

— Não há salada? — perguntou Nadia.

— Há tabule no frigorífico.

Nadia acenou com a cabeça, hesitando por um segundo antes de se voltar para o fogão. Uma a uma, retirou as folhas de alumínio que cobriam cada travessa, deixando o vapor escapar da *shakshuka* e das bolinhas de quibe fritas. Yara sentiu as orelhas a aquecerem, mas manteve os olhos fixos na água à sua frente, quase a ferver. Acrescentou uma colher de chá de sal e fechou bem a tampa.

— O que mais vamos comer? — perguntou Nadia, olhando para o interior do forno.

— *Kebabs* de *kufita* com *tzatziki* e arroz amarelo.

— E o teu sogro? Sabes que ele já não pode comer arroz por causa do açúcar no sangue.

Yara engoliu em seco, tentando manter a calma, um estado difícil de alcançar ultimamente, em especial na presença da sogra.

— Eu sei — disse ela, inclinando a cabeça na direção do fogão elétrico. — Fiz *bulgur* para ele.

— Ótimo, ótimo — disse Nadia, passando a mão pelo cabelo, enquanto dava uma volta pela cozinha. Examinou o chão de carvalho claro e as bancadas de granito branco, que estavam impecáveis, apesar da refeição de três pratos em curso. Aparentemente desapontada, dirigiu-se à zona de refeições, onde retirou uma teia de aranha pendurada entre duas lâmpadas do lustre.

— Desculpe, esqueço-me sempre de limpar o pó dessa coisa — suspirou Yara

— Obviamente — apontou Nadia.

Como de costume, bastavam alguns minutos na presença da sogra para que se lembrasse de todas as formas pelas quais estava a falhar.

— Sabes o que dizem — continuou Nadia, passando o dedo indicador pelo parapeito da janela e levando-o, depois, ao rosto para o examinar. — Uma casa desarrumada é sinal de desordem interior.

Ao ver a sogra a inspecionar a cozinha enquanto o sol se escondia por trás dos pinheiros, Yara sentiu uma enorme vontade de ficar sozinha,

longe do olhar julgador de Nadia. Tudo em Yara parecia irritar a sua sogra, especialmente nos últimos tempos. Talvez Yara fosse demasiado desafiadora, demasiado questionadora. Talvez Nadia se ressentisse por não a conseguir controlar, ou por Yara se recusar a ser o tipo de mulher que Nadia queria que ela fosse, mesmo depois de todos estes anos.

Nos primeiros anos do seu casamento, Yara ajudara a sogra a limpar da mesma forma que ajudava a sua própria mãe quando era criança: mergulhando as mãos até aos cotovelos na água de lavar a louça, agachando-se debaixo de sofás e mesas para recolher as migalhas de comida deixadas pelos irmãos mais novos de Fadi, passando a ferro e dobrando toda a roupa lavada, esfregando o chão da casa de banho, com a cabeça tonta devido aos vapores, enquanto limpava pelos púlicos soltos da base da sanita. Yara esperara que esses atos de serviço a aproximassem de Nadia, mas, para a sua sogra, Yara estava apenas a fazer o que se esperava dela.

Quando pensava nisso, a tensão entre ambas começara no dia do casamento de Yara, há nove anos, quando Nadia lhe pedira para começar a usar um *hijab*. Yara tinha dezanove anos na altura, estava no primeiro ano da faculdade e tinha voado para a cidade natal de Fadi poucos dias antes do casamento, onde vivia desde então.

— Não, obrigada — respondera Yara, sem pestanejar. Estavam na casa de banho, enquanto Yara reaplicava o *eyeliner*, depois de o ter borrado duas vezes a chorar. — Não tenho nada contra o *hijab*, se é isso que uma mulher escolhe para si própria — dissera. — O Alcorão afirma claramente que a escolha é minha. Mas eu não sou propriamente religiosa.

Yara sentira, então, o peso repentino do olhar de Nadia, tão desaprovador, que a fizera desviar o rosto do seu próprio reflexo. Engolira em seco, com uma dor suave a pulsar dentro de si, como um pássaro incapaz de bater as asas. Nadia abanara a cabeça lentamente, avaliando Yara com os olhos. Era esse o peso repentino, o julgamento da sua sogra.

— Não se trata apenas de religião — contrapusera Nadia, com os lábios curvados em desaprovação. — Usamo-lo por modéstia, para evitar *hakyelnas*. Não queremos que as pessoas comecem a falar.

As pessoas, pensara Yara, engolindo em seco. Claro.

Yara sentira-se indecisa quanto a mudar-se para o Sul, um lugar que só conhecia através dos seus escritores sulistas favoritos: Flannery O'Connor, Alice Walker, Toni Morrison. A partir dos seus livros, concluíra que a cultura sulista não era assim tão diferente da sua: repleta de famílias barulhentas, numerosas e muito unidas, onde as mulheres casavam jovens e tinham muitos filhos, centradas em valores conservadores, com ênfase na religião ou na tradição, e com uma forte ligação a receitas transmitidas de geração em geração. Até a obsessão pelo chá em todas as reuniões sociais possíveis parecia um ponto de ligação, embora os sulistas o preferissem gelado, enquanto os árabes o serviam quente. As semelhanças tinham-na enchido tanto de conforto como de pavor. Que tipo de vida teria ela nos subúrbios? Iria integrar-se? Ou sentir-se-ia como se tinha sentido todos aqueles anos em Brooklyn: desligada, invisível, sozinha?

Desejava ter sido capaz de exprimir a sua hesitação à família naquela altura. Só que tinha dificuldade em articular os seus sentimentos, mesmo para si própria. As palavras diluíam as coisas, tornavam-nas menores. Ao crescer, não conseguia explicar como se sentia ao olhar pela janela todas as noites, à espera de que o *baba* chegasse a casa, nem descrever o medo que a consumia quando os gritos dele ecoavam pelas paredes, ou a sensação de ter o rosto pressionado contra a almofada para abafar o barulho, apenas para perceber que este vinha de dentro de si.

Desenhar, como em breve aprendeu, ajudava a acalmar o sentimento confuso que sentia, o buraco escuro de medo no centro do peito, a certeza de que havia algo constantemente errado. Sozinha no seu quarto apertado, desenhava o que via pela janela: uma fileira de casas de tijolo vermelho; o brilho laranja-rosado de um pôr do sol; dentes-de-leão amarelos a dançar sob o sol dourado; a turbulência escura e rodopiante de um céu noturno; uma coleção de vinhetas, desenhadas num frenesi, que a deixavam num estranho estado de curiosidade emocional, como se o seu coração rígido se tivesse aberto ao mundo. Esperava que o prazer que sentia nesses momentos fosse suficiente para curar a escuridão que ribombava dentro de si, a guerra dentro da sua cabeça. Contudo, ultimamente, sentia-se muito longe da pessoa que queria ser.

Enquanto Nadia se dirigia para o frigorífico, Yara deslizou à sua frente e abriu-o primeiro, examinando as prateleiras de vidro para se certificar de que estavam limpas. De costas para a sogra, disse:

— Tem sido difícil dar conta de tudo.

— Dá para ver — disse Nadia.

O rosto de Yara ficou quente, apesar do ar frio do frigorífico. Queria confessar a Nadia que estava realmente a dar o seu melhor, mas ultimamente havia uma escuridão avassaladora que parecia estar sempre ao seu lado, como uma sombra.

— Sei que tens passado por dificuldades — continuou Nadia, como se conseguisse ler a mente da nora. — Mas está na hora de te recompores, querida. Pelo bem da tua família.

Yara fechou a porta do frigorífico e voltou para o fogão, onde baixou o lume do arroz. Encostou a anca à bancada e observou Nadia abrir o frigorífico, retirar um recipiente após outro e examinar o fundo em busca de uma data de validade, resmungado para si mesma quando encontrou finalmente um para deitar fora.

— Porque não vens comigo à mesquita esta sexta-feira? — sugeriu a sogra, depois de retirar o tabule verde-vivo e prová-lo com a palma da mão em concha. — Um pouco de convívio pode animar-te.

Yara franziu o sobrolho e abriu um armário, fingindo procurar algo lá dentro.

— Já não vais lá há algum tempo — continuou Nadia, com a mão coberta de azeite e pedacinhos de salsa fresca e hortelã. — E as mulheres têm perguntado por ti. Seria bom apareceres.

— Desculpe, mas não posso. Amanhã, começa um novo semestre, e vou estar muito ocupada.

— Certo. Mas vais à festa do bebé da Nisreen no próximo fim de semana, não vais? Ela ficaria muito chateada se faltasses.

Yara fechou os olhos, com o rosto escondido atrás da porta do armário. A sua sogra sabia que ela não era muito sociável, preferindo estar sozinha ou com a família mais próxima, mas, mesmo assim, insistia em convidá-la para todos os eventos árabes da cidade. A sua pequena cidade tinha uma comunidade palestiniana ainda mais pequena, com talvez duas dúzias de famílias, mas Nadia conhecia praticamente toda

a gente, e as mulheres juntavam-se todas para formar a sua própria pequena aldeia. Yara já tinha acompanhado a sogra, apesar do seu desinteresse, sorrindo com perfeita compostura e chegando mesmo a participar nas coscuvilhices para mostrar que era uma boa compincha. No entanto, ultimamente, essas atividades tinham deixado de ter qualquer significado, e ela já não conseguia fingir o contrário.

— Desculpe — disse Yara, desligando o bico onde o arroz cozia. — Não estou com disposição para ir a lado nenhum.

Nadia ficou em silêncio, voltando a mergulhar a mão na tigela do tabule.

— Não podes continuar a evitar toda a gente — disse, por fim, lambendo os dedos. — Quando foi a última vez que vieste comigo a um casamento ou que recebeste algum dos nossos amigos para jantar?

Yara encolheu os ombros. Tecnicamente, aquelas mulheres eram amigas de Nadia, não suas. Podia facilmente passar uma semana inteira recebendo apenas mensagens de Fadi, o único amigo que tinha.

— Não é saudável isolares-te — continuou Nadia. — Para não falar da importância de manteres a tua posição social na comunidade. As pessoas vão começar a comentar se não te virem.

Sim, claro, as pessoas.

— O que é que podem dizer? Não estou a fazer nada de mal.

— Como se isso alguma vez tivesse impedido alguém — disse Nadia. — As pessoas não têm notícias tuas durante algum tempo e assumem todo o tipo de coisas: que andas a tramar alguma ou que tens alguma doença ou, Deus nos livre, que estás a sofrer de algum problema mental, um espírito maligno.

Yara revirou os olhos.

— Um *jinn*, a sério? Isto não é o *Aladino*.

— Ages como se eu estivesse a inventar tudo isto — disse Nadia. — É óbvio que não tens estado bem, e não queremos dar a ninguém motivos para espalhar rumores.

Nadia olhou para ela com aqueles olhos castanhos severos, e a sua expressão era tão séria, que Yara desviou o olhar. Levantou a barra do avental para limpar a testa novamente.

— Tenho estado preocupada contigo, querida — continuou Nadia.
 — Tens os olhos encovados e o *eyeliner* borrado. Pareces ter envelhecido dez anos. — Examinou Yara de cima a baixo. — E por que estás sempre vestida de preto e de *leggings*? Tens de te esforçar mais. Pelo bem do Fadi.

Yara encostou-se à bancada, perguntando-se quanto tempo isto iria durar. Queria dizer a Nadia que gostaria que fosse tão simples como a sua aparência. Preferia ter algo de errado com o corpo, algo que se pudesse corrigir, do que com a mente, que suspeitava ser o verdadeiro problema. Mas não se atrevia a admiti-lo à sogra.

Em vez disso, Yara estalou os nós dos dedos e olhou para Nadia, para os seus ombros caídos e a forma como o corpo se curvava, como se a vida lhe tivesse pesado.

Obrigou-se a fitar Nadia nos olhos.

— É isto que eu gosto de usar. Além disso — hesitou —, porque é que nunca diz ao seu filho para se vestir bem para mim?

— Não é assim que funciona. Agradar ao teu marido é o teu dever. — respondeu Nadia, erguendo uma sobrancelha.

— Será? — perguntou Yara. Estava a rir, e com dificuldade em parar. De todas as sogras que poderia ter tido, porque é que tinha de acabar com uma que estava decidida a pressioná-la a seguir o mesmo caminho do qual jurara toda a vida fugir? Não que isso a tivesse impedido de casar com Fadi, mesmo que tivesse sabido. Na altura, tinha outros problemas com que se preocupar.

— Oh, pelo *amor* de Deus — disse Nadia, com um ar consternado.
 — Não me lembro da última vez que te vi esboçar um sorriso, e é a isto que achas graça? É pedir de mais que te esforces um pouco, pelo bem do teu marido? Há já algum tempo que me ando a tentar conter, mas já chega. Não podes continuar assim.

Yara parou de rir e olhou-a nos olhos.

— Assim como?

— A andar por aí abatida, como se estivesses à beira da morte. Tens de te tornar mais forte, querida. Tens uma família que depende de ti.

Yara afastou-se do fogão, com a adrenalina a correr-lhe nas veias.

— Fala como se eu passasse os dias na cama — disse ela. — Trato das meninas sozinha, vou trabalhar todos os dias, faço todas as tarefas domésticas e preparo o jantar para o Fadi todas as noites. Talvez, se tivesse um pouco mais de ajuda com as meninas, pudesse preocupar-me com a minha aparência. Mas esse é o menor dos meus problemas neste momento.

— As tuas filhas são tua responsabilidade — disse Nadia, abanando a cabeça. — Não podes esperar que mais ninguém as crie por ti. Se estás tão sobrecarregada, então, não precisas de trabalhar.

— Nem pensar — disse Yara, demasiado depressa. — O meu trabalho é a única coisa que faço para mim própria. Por que razão iria desistir disso?

— Porque não? — perguntou Nadia. — O Fadi ganha bem, *mashallah*. Não precisa da tua ajuda.

Foi preciso um esforço considerável para não gritar. A sua sogra raramente perdia uma oportunidade de lhe lembrar que Fadi era o sustento da família, como se isso não fosse a norma também na sua própria família. Os pais de Yara tinham imigrado da Palestina para a América pouco depois de se casarem, chegando a Brooklyn com algumas centenas de dólares no bolso e sem saberem inglês. A comunidade árabe em Bay Ridge e o *baba*, que trabalhava dia e noite para os sustentar, foi o que lhes permitiu sobreviver.

Nos primeiros meses do seu próprio casamento, Fadi ainda era caixa na estação de serviço do pai, onde trabalhava desde os dezassete anos. Todas as noites, voltava para o apartamento apertado onde viviam a queixar-se de Hasan, jurando que o seu próximo turno seria o último.

— Não percebo como um pai pode tratar o próprio filho assim — queixava-se ele. — Está sempre a menosprezar-me, nunca diz obrigado nem nada.

Só quando Yara engravidou de Mira é que Fadi pensou seriamente nos seus próximos passos. Sem formação superior, decidiu que seria melhor poupar dinheiro para abrir o seu próprio negócio do que tentar arranjar outro emprego. Na altura, Yara estava matriculada numa faculdade local e tinha direito a apoio financeiro e a uma bolsa de estudos integral. Cada semestre, depois de pagar as propinas e comprar

os livros em segunda mão, recebia um cheque substancial pelo correio que entregava ao marido. Quando finalmente juntaram dinheiro suficiente, Fadi deixou o emprego e abriu uma empresa grossista com o seu amigo do liceu, Ramy. Juntos, compravam grandes quantidades de mercadoria geral, acessórios para tabaco, bebidas energéticas e *shots*, analgésicos, óculos de sol, luvas, pilhas e artigos semelhantes, diretamente aos fabricantes, armazenavam-na e vendiam-na em quantidades mais pequenas a lojas de conveniência por todo o estado. O negócio tornou-se financeiramente sólido em seis meses, e bastante lucrativo no espaço de dois anos.

— O meu pai disse-me que eu ia falhar sem ele — disse Fadi. — Nunca vi um homem odiar tanto o próprio filho, mas consegui. Provei que ele estava errado.

Yara ficou feliz por ele, mas uma parte dela desejava ter sido capaz de fazer o mesmo. Conseguir ser alguém para além dos limites do casamento e da maternidade, fora das expectativas dos outros. Criar algo do zero, mover-se com esse tipo de confiança e certeza, como se tivesse crescido num mundo onde as mulheres pudessem fazer isso.

— Não se trata de dinheiro — disse Yara, colocando as palmas das mãos à volta da panela de arroz até a sua pele queimar. — Quero fazer algo com a minha vida.

Nadia soltou uma risada perplexa.

— Tu já *estás* a fazer algo, querida. Tens um marido e filhas para cuidar.

— Isso não significa que não possa fazer mais nada.

— Só que já mal consegues dar conta das tuas responsabilidades — disse Nadia, dirigindo o seu olhar para o lustre. — Está na hora de fazeres uma pausa do trabalho e de te concentrares na tua família, na tua casa. — Fez uma pausa, suavizando a voz. — Vais sentir-te melhor com o tempo, no conforto da tua casa, vais ver.

Yara ficou em silêncio. Desistir do trabalho não a faria sentir-se melhor. No entanto, não podia esperar que Nadia compreendesse, tendo em conta a vida que tinha levado. Tal como os próprios pais de Yara, Nadia tinha nascido e sido criada num campo de refugiados, depois de a sua família ter sido evacuada da sua casa à beira-mar em Jafa, durante

a ocupação israelita da Palestina em 1948. Era impossível para Yara não sentir uma profunda e intensa tristeza pela perda da sua sogra, nem podia ignorar a realidade de que a sua percepção do mundo não era culpa dela, estando, sim, enraizada no mundo de onde vinha. É claro que Nadia acreditava que o lugar de uma mulher era em casa. É claro que valorizava a importância de preservar a família, de a manter unida e intacta, com um pai que trabalhava longas horas para sustentar a família e uma mãe que ficava em casa, a cuidar do lar e a criar os filhos. À sua sogra tinha sido negado o privilégio de um lar, por isso, agora, neste belo país, ela insistia em preservar um.

Yara olhou para o arroz amarelo, quase pronto.

Estes pensamentos tinham sido sempre um sussurro no seu ouvido, recordando-a de como a sua vida era boa, de que as coisas que achava injustas não eram nada, *nada*, comparadas com as dificuldades dos seus pais e avós. E, no entanto, havia dias em que a sua capacidade de sentir empatia pela história conturbada da sua família não fazia o que tinha feito durante muitos anos, que era fazê-la escutar, submeter-se, obedecer. Esta noite, sentia-se como se tivesse vivido a vida a carregar um peso que não conseguia largar. Yara certificou-se de que mantinha os olhos na panela, não encarando Nadia, caso contrário, cairia de joelhos e gritaria, um gemido tão alto e agudo como o de um animal moribundo. Porque é que Nadia não compreendia que só porque as mulheres da sua família tinham dedicado inteiramente as suas vidas aos seus filhos e maridos isso não significava que Yara tinha de fazer o mesmo? Sentiu a mancha de uma velha tristeza a infiltrar-se. Talvez fosse por causa dos sacrifícios dessas gerações de mulheres que a ideia a aterrorizava tão profundamente. Porque tinha visto o que esse tipo de vida tinha feito à sua própria mãe, sugando-lhe a vida dos olhos, deixando-a a arder de ressentimento; a ansiar, a tentar alcançar, incapaz, com medo. Tudo o que Yara queria agora era uma vida que fosse o oposto disso.

— Estás calada — disse Nadia. — Deves perceber que tenho razão. Yara abanou a cabeça, com o rosto a arder.

— Não, nem por isso — conseguiu dizer.

— Porque não? Diz-me, o que poderia ser mais importante do que a tua família?

Yara observou o arroz através da tampa de vidro e tirou um garfo da gaveta para o soltar. Pensou em explicar a Nadia as consequências de as suas famílias terem vindo para a América, onde as mulheres podiam ter carreiras *e* serem mães. Podia dizer-lhe que talvez devesse pedir ao seu filho para *ele* reduzir o horário de trabalho, para que Yara pudesse avançar na sua própria carreira. Ou aquilo que mais queria dizer, mas nunca conseguia reunir coragem para o fazer: que cada vez que a sogra lhe dizia para ficar em casa com as crianças, isso só reforçava a sua determinação em continuar a trabalhar.

Mas ela sabia, após nove anos como nora de Nadia, que nada disso seria ouvido com compreensão.

— Não há vergonha nenhuma em admitires quando as coisas são demasiado para ti — disse Nadia, aproximando-se. — Só estás a magoar as tuas filhas ao fingires o contrário.

O medo surgiu ao ouvir a palavra *filhas*, chegando como uma sensação pesada por baixo das costelas. Yara apertou os dedos em torno do garfo, com as mãos a tremer.

— Pensa nas tuas filhas — continuou Nadia. — Pensa em como o teu comportamento as está a afetar.

Ela engoliu em seco, incapaz de suportar a ideia de magoar as filhas. Será que Nadia não compreendia? Ela estava sempre a pensar nas meninas, no seu próprio passado, na necessidade nauseante que sentia de deixar tudo para trás. Atualmente, era só nisso que conseguia pensar.

Uma rajada de vapor atingiu-lhe o rosto, quando levantou a tampa de vidro do arroz. Encostou a palma da mão aberta à face, à boca. Ficou imóvel, com o calor a penetrar-lhe na pele, e perguntou-se por que razão a sua vida se tinha desenrolado desta forma, apesar de todos os esforços, de todos os sacrifícios, sentindo o seu mundo agora repleto de uma profunda sensação de perda.

*O resto da noite decorreu como sempre acontecia quando os sogros estavam lá. Os adultos jantaram à volta da *sufra*, enquanto Mira e Jude comiam frango e arroz amarelo com os dedos, em frente de *Encanto*, na sala de*

estar. O sogro contou uma história sobre uma discussão que tivera com o vizinho.

— Ele olha para mim como se eu fosse uma espécie de rato da rua — disse Hasan. Era um homem barulhento e desajeitado que falava com as mãos, como se estivesse a dirigir uma orquestra. — Eu disse-lhe: «Continua a olhar assim, e eu arranco-te esse olho.»

Nadia fez uma careta.

— Há alguém na cidade com quem não tenhas tido problemas?

Na outra ponta da mesa, Fadi enfiava comida na boca, como se quisesse evitar ter de participar na conversa. Com a boca cheia de tabule, virou-se para Yara.

— Está tudo delicioso, querida — elogiou.

Yara acenou com a cabeça, mas não conseguiu encará-lo. A sua mente estava repleta dos pensamentos habituais que a invadiam sempre que estava perto da família de Fadi: os seus sogros estavam ali para a manter na linha, caso ela se esquecesse de onde vinha. Não que isso fosse alguma vez possível.

— Oh, por amor de Deus — exclamou Nadia, quando, ao voltar a encher o prato de Jude com arroz, Yara o deixou cair, e os grãos espalharam-se como pequenos insetos pela *sufra*. Ao tentar limpar a confusão, Yara derrubou um copo, e a água espalhou-se pela mesa e depois pelo chão.

— É exatamente isto que eu quero dizer, Yara — continuou Nadia, levantando-se para ir buscar um pano. — Mais um exemplo de como não te estás a sair tão bem como afirmas.

Yara voltou a sentar-se na cadeira, encurvada, observando a sogra a passar o pano pela mesa.

— Já chega — disse Nadia, quando terminou de limpar e se deixou cair na cadeira. — É óbvio que não estás bem, e está na altura de fazeres algo a esse respeito. — Virou-se para Fadi, que estava sentado de lado na cadeira, como se estivesse a planear escapar. — Porque não lhe dizes, Fadi? — instigou, enxugando o suor do lábio superior. — Diz alguma coisa.

O rosto dele ficou vermelho como um tomate.

— Dizer-me o quê? — perguntou Yara, com uma fúria inesperada a brotar dentro de si.

Fadi engoliu em seco, evitando o olhar dela.

— Nada, nada. — Depois, virou-se para a mãe. — Deixa-me fora disto, *yumma* — disse ele, com voz cortante. — Tenho os meus próprios problemas com que me preocupar.

— Tens? — perguntou Hasan, pousando um espeto de *kufta* e virando-se para o filho. — Tanto quanto sei, já não passas pela loja há semanas. Ainda tens uma responsabilidade para comigo lá.

Fadi estava a responder-lhe, mas Yara não o conseguia ouvir. Olhou para Mira e Jude, com medo de que elas pudessem ouvir as vozes elevadas, mas, para seu alívio, estavam absortas no seu programa.

Encostou a palma da mão aberta à face e afundou-se ainda mais na cadeira. Virou-se para olhar pela janela. Lá fora, a luz suave do pôr do sol filtrava-se através dos ramos dos carvalhos escarlates e dos pinheiros de agulhas compridas. Inspirou e limpou as palmas das mãos no guardanapo. A tensão no seu corpo era muito intensa, como se algo a estivesse a pressionar por todos os lados. Não disse nada durante o resto do jantar, ouvindo apenas a voz fraca que sussurrava, lembrando-a de todas as coisas que podia ter feito, que devia ter feito, todas as formas pelas quais estava a falhar. Olhou fixamente para o prato, imaginando como seria não sentir nada, fechar os olhos e ouvir apenas o silêncio dentro da sua cabeça.